

Campeã de vendas de e-books no site Amazon

ELLE CASEY

AS CRIANÇAS TROCADAS

A GUERRA DOS FAE



GERAÇÃO

Jovem

A GUERRA DOS FAE



A GUERRA DOS FAE

LIVRO UM

AS CRIANÇAS TROCADAS



Titulo original:
War of the Fae

Copyright © 2013

1ª edição — outubro de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Produtora Editorial e Gráfica
Priscila Hernandez

Assistente Editorial
Carla Anaya Del Matto

Capa
André Siqueira

Projeto Gráfico e Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Preparação de Texto
Valquíria Della Pozza

Revisão
Vinicius Tomazinho
Marcia Benjamim
Rinaldo Milesi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casey, Elle

A guerra dos Fae / Elle Casey ; [tradução] Claudia Dornelles.
– 1. ed. – São Paulo : Geração Editorial, 2013.
(Coleção a guerra dos fae)

Título original: War of the fae
ISBN 978-85-8130-179-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-05145

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax: (+ 55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br
twitter: @geracaobooks

2013

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Capítulo 1

NÃO AGUENTO MAIS ESSA PORRA DE ESCOLA. Eu sinto que nem deveria estar aqui. Mas onde eu deveria estar, então? Não tenho a menor ideia. Só sei que estou no meio dessa merda, assistindo às aulas e fazendo provas em piloto automático, esperando a vida de verdade começar.

Estou na aula de história, e a menina da fila ao lado é o exato oposto de mim. Ela observa atentamente o professor, com a caneta pairando acima da folha do caderno quase lotada de anotações, ansiosa para não perder as migalhas de sabedoria que ele joga para nós. Ela adora a escola e tem grandes planos para a faculdade no ano que vem. Tem treino das animadoras de torcida depois da aula e um namorado chamado Mike, que joga no time de futebol da escola. *Eca.*

Eu tenho uma caneta. Talvez também tenha um pedaço de papel na mochila. Hoje, porém, estou usando a caneta para desenhar símbolos na minha mão direita, tatuagens temporárias. Eu escrevo e como com a mão esquerda, mas faço todo o resto com a direita. Nem meu corpo sabe bem para que lado ir.

Sou uma minoria nesta escola. Parece que quase todo mundo sabe perfeitamente o que está fazendo neste exato instante e o que vai fazer pelo resto da vida. Eu? Não tenho a menor ideia. Só sei que não vai ser isso aqui. Hoje a balança do banheiro anunciou que perdi mais um

quilo. O tédio está literalmente me consumindo. Talvez eu vá simplesmente desaparecer. Será que alguém vai sentir minha falta?

— Jayne? Posso saber o que você está fazendo?

Droga. Fui pega na tampinha. Passei a mão para debaixo da mesa para esconder minha obra de arte.

— Hã, nada. Só anotando umas coisas — respondi com a maior cara de inocente. Não adiantou.

Ele desceu do estrado e parou na minha frente, olhando para a mesa vazia.

— E onde estão essas tais anotações?

Levei minha mão sem tatuagens à testa e dei duas batidinhas, o tempo todo olhando para ele.

— Está tudo aqui dentro, senhor Parks, tudinho. — Completei com uma piscadinha debochada, só porque sabia que iria irritá-lo ainda mais. Às vezes faço esse tipo de coisa, o que minha mãe chama de dar tiro no pé. Não sei bem por que ajo assim, talvez para tornar a vida mais interessante, criar desafios para mim mesma. Ou talvez eu simplesmente goste de sofrer.

Com o canto do olho, notei a expressão de desprezo da menina sentada ao meu lado e me virei para encará-la. Mostrei a língua para ela, porque sou mesmo imatura e ainda acho graça nas coisas que me faziam rachar o bico aos dez anos de idade.

Ela não me entende. Já ouvi meninas como ela me chamarem de “desperdício de espaço”. Não posso dizer que discordo do comentário: essa escola está mesmo perdendo tempo comigo.

— Que interessante. Vamos ver o que a vice-diretora acha disso. — O senhor Parks voltou para sua mesa sobre o estrado e escreveu um bilhete. — Leve isso com você e pergunte a opinião dela sobre seu método de anotações mentais.

Levantei da cadeira e andei até a frente da sala com a mochila quase vazia nas costas. Trazer os livros para a aula era outra coisa que eu

raramente me dava ao trabalho de fazer. Meu armário está mais preparado para aguentar trinta quilos de blá-blá-blá do que meus ombros.

— Muitíssimo obrigada — eu disse bem meiga, pegando o bilhete da mão dele e me virando para olhar para a turma. Sair de cabeça baixa era a última coisa que eu iria fazer.

Meus olhos encontraram os do meu melhor amigo, o maior *nerd* sobre a Terra, Tony Green. Joguei um beijo para ele com o bilhete do professor preso entre meu dedo do meio e o polegar, para que a turma toda percebesse meu gesto obsceno. Seu rosto ficou vermelho e ele se encolheu na cadeira, balançando a cabeça e se negando a me encarar. Provavelmente estava com medo de ter que ir comigo à sala da diretoria. Ele não sabe o caminho de cor como eu.

Tony era meu amigo, não necessariamente por vontade própria, desde que teve a extraordinária sorte de sentar à minha frente na aula de geometria analítica, dois anos atrás. Ele era tão bisonho (para falar a verdade, ainda é): magro como um esqueleto, com uma cabeleira castanha desgrenhada e meio suja, usando roupas que sei que a mãe dele compra na seção infantil do Wal-Mart e sapatos estranhos com sola de borracha grossa. As espinhas cor-de-rosa-choque que ele sempre tem na cara superbranca não ajudavam nem um pouco. Desde o primeiro dia que o vi, não consegui mais deixá-lo em paz. Ele parecia um vira-lata raquítico que tinha levado uma surra de um *pit bull*. Eu não faço o tipo louca por roupas, mas sei quando estou diante de um desastre *fashion*.

Meu estilo está mais para o casual: uso quase sempre *jeans*, tênis All Star roxo e camisetas bacaninhas, e moletons com capuz no inverno. Nunca faz muito frio aqui no sul da Flórida, o que limita um pouco meu guarda-roupa. Uso meu cabelo comprido porque ele é muito grosso. Das poucas vezes que o cortei mais curto, acabei com um imenso triângulo armado na cabeça. Que mico! Mas a Flórida é muito quente para um cabelão ondulado e solto, então ando quase sempre de rabo de cavalo.

Já me disseram que sou bonita, ou pelo menos gatinha. Não uso muita maquiagem, só um pouco de delineador e rímel, de vez em quando *gloss*. Os adultos sempre elogiam meus enormes olhos verdes e minha “boca de coração” (sei lá o que isso significa). Sou mais baixa do que a metade das meninas que conheço, então posso dizer que tenho altura média.

Naquele semestre, cada vez que eu entrava na aula de geometria, perguntava a Tony quando íamos começar a andar juntos. Não sei por que fazia isso, só lembro que ele parecia tão fofo e tímido, morto de medo de tudo ao seu redor. Eu queria que ele criasse coragem e se tornasse mais extrovertido.

Com o baile de inverno da escola se aproximando, comecei a chegar mais perto e cochichar no ouvido dele. Primeiro eram coisas do tipo “Quando você vai me convidar para ser seu par no baile?”. Depois acabou virando “Ei, Tony, o que você acha de nos encontrarmos depois da aula para fumar um?”. Eu não uso drogas, mas gostava de ver sua expressão chocada. A essa altura, eu tinha começado a chamá-lo de Tony Baloney, Tones ou Panetone.

Tony tinha outros amigos, mas eram todos *nerds* obcecados por computadores, e todos homens. Eu entendo um pouco de computação, mas praticamente só uso o computador para pesquisar lugares mais interessantes do que a escola. Não faço ideia de como programar outra coisa além do alarme do meu celular. Eu também tinha outras amigas, mas elas estavam sempre ocupadas fazendo a lição de casa e tentando agradar aos pais. Não tínhamos muito em comum, e os pais delas não gostavam que andassem comigo. Pelo jeito, sou o que alguns chamam de “má influência”. Para mim, esse tipo de gente não sabe se divertir.

Deixar Tony vermelho como um pimentão era fácil demais. Eu só tinha que dizer “peitinhos” ou “piroca”, e a cara dele ficava instantaneamente roxa. Um dia, cometi o erro de contar à minha mãe sobre essas brincadeiras, e ela ficou furiosa, dizendo que o que eu estava fazendo com o pobrezinho era *bullying*. Ela fez questão de lembrar que eu às

vezes não me dou conta de como sou insistente, mas acho que, no fundo, queria dizer irritante ou insuportável. O idiota do namorado dela adorou participar daquela conversa. Ele está praticamente morando com a gente, e por isso eu evito ficar em casa o mais que posso.

Depois que minha mãe disse aquilo sobre o Tony, comecei a sentir remorso. Lembrei tudo o que tinha feito com ele e entendi que muita gente poderia considerar meu comportamento como *bullying* se não soubessem que eu, na verdade, gostava muito dele.

Na época em que eu estava sendo "insistente", Tony até se abriu um pouco mais, e nós conversamos sobre algumas coisas. Ele aprendeu a não levar a sério minhas provocações e até a rir das mais cabeludas. Às vezes íamos juntos de uma sala de aula para outra. Ainda não tínhamos começado a nos encontrar fora da escola, mas eu tinha o pressentimento de que logo isso iria acontecer.

Depois da conversa com minha mãe, resolvi que precisava pedir desculpas ao Tony Baloney. Não queria que ele fosse para casa chorando porque uma menina má na escola estava pegando no seu pé. Já bastava ter que ouvir essa acusação de meu pai, que, apesar de ter abandonado nossa família havia muitos anos, ainda se achava no direito de me passar sermões nos dias de visita obrigatória.

No dia seguinte, antes da aula de história, enquanto esperávamos o professor chegar, perguntei ao Tony se eu o estava incomodando. A conversa foi mais ou menos assim:

— Ei, Tony, eu estou incomodando você?

— Está.

— Falando sério, Panetone. Estou mesmo incomodando?

— Está, sim.

— Obrigada, tirou um peso das minhas costas. Achei que eu estivesse realmente incomodando você.

Ele deu um suspiro.

- Você ESTÁ me incomodando, sim. Ficou surda?
- Não, mas eu sei o que você quer dizer quando diz sim.
- Ah, então você me conhece melhor do que eu mesmo?
- Mais ou menos. É, é exatamente isso.
- Está bem. Agora me deixe em paz.

Embora divertida, a implicância não estava dando resultado, e eu decidi ser mais direta. Ele tinha que entender que aquilo não era *bullying*, apenas uma menina meio sem noção tentando ficar amiga de um *nerd* com sapatos esquisitos.

— Ei, Tony, quando você diz que eu estou incomodando, quer dizer que eu estou incomodando ou que *é bullying*? — Percebi que ele ia se virar na cadeira, então usei a minha expressão mais inocente e completei com um sorriso fofo ao qual ele não poderia resistir.

Ele não disse nada, só olhou para mim. Pela primeira vez desde que tínhamos nos conhecido, comecei a me sentir desconfortável, o que para mim é uma grande coisa. Comecei a me remexer na cadeira e senti que meu sorriso murchava. Enquanto ele me encarava, me dei conta de como era importante para mim que ele não pensasse que o que eu fazia era *bullying*. Tony era um cara legal, e era bem possível que eu fosse a única pessoa no mundo que sabia disso. Além do mais, talvez ele fosse a única pessoa no mundo que sabia que eu me importava com certas coisas. Ele era um cara ligado.

— Você não está me incomodando, nem dá para chamar de *bullying* o que você faz... Jayne.

Era a primeira vez que eu ouvia Tony dizer meu nome. Acho que fiquei chocada, embora isso não devesse me surpreender. Tínhamos sido colegas o semestre inteiro. Foi a expressão no rosto dele que me deixou sem jeito. Ele estava tão sério, olhando bem nos meus olhos. Tive a impressão de que podia ler meus pensamentos. Meu sorriso voltou, mas desta vez era sincero.

Peguei minha caneta e comecei a girá-la entre os dedos.

— É uma pena, porque eu estava começando a gostar de incomodar você. — Bancar a engraçadinha em situações difíceis é uma das minhas especialidades.

— Já notei. Então, agora que você sabe que não está me incomodando, já pode parar.

— Parar com o quê?

— Parar de me incomodar — ele disse, começando a se virar para a frente da sala outra vez.

— Certo, faz sentido. Quando vamos nos encontrar fora da escola? — Eu esperava a reação de sempre, que ele ficasse vermelho e mudo, mas desta vez ele me surpreendeu.

— Que tal hoje à tarde? — Seu rosto e pescoço estavam levemente rosados, e os ombros se encolheram só um pouquinho, mas ele não parecia uma tartaruga tentando se esconder no casco como de costume.

— Você não tem aula extra de computação, robótica ou cálculo avançado, nem reunião de algum clube de gênios que um dia vão dominar o mundo?

Enquanto eu esperava a resposta, o professor chegou.

Tony se virou de lado, fingindo que procurava um livro na mochila.

— Tenho reunião do clube de xadrez, mas posso faltar. — Ele ajeitou os óculos gigantes sobre o nariz e se virou para a lousa.

Já contei que Tony usa os óculos de aro de tartaruga mais horrorosos da face da Terra? Eles não são engraçados, nem estilosos, nem nada. Juro que devem ter sido achados em algum lixão.

— Faltar à reunião? Tem certeza de que você segura essa onda?

Ele aprumou as costas contra a cadeira.

— Eu seguro se você segurar — ele disse baixinho.

— Está bem. Encontro você no portão da escola depois da sétima aula. E, antes que eu me esqueça, eu percebi.

— Percebeu o quê?

— O seu sorriso. Acho que você gosta de mim. — Eu só podia ver as costas dele, mas juro que vi seu couro cabeludo se mexer.

— Você está totalmente errada.

— Será que estou mesmo?

Mais um suspiro.

— Jayne, cale a boca antes que eu acabe expulso da sala.

Eu sorri e sussurrei:

— Seu mala. — Mas deixei Tony em paz pelo resto da aula. Ele parecia ansioso para abrir o caderno e copiar cada palavra do professor, e eu tinha uma mão inteira para tatuar.

E assim começou o ano em que adotei Tony Baloney como meu melhor amigo. Desde então, nós nos encontramos todos os dias depois da escola, e eu impliquei com ele em todas as aulas que consegui. Nos semestres seguintes, até tentamos nos inscrever no máximo de disciplinas juntos. Pelo jeito, ele passou a gostar do meu estilo insistente (não que eu tivesse lhe deixado muita escolha). Eu tinha encontrado Tony, e agora ele era todinho meu, dos óculos medonhos aos sapatos esquisitos.



Sentada na sala de espera da vice-diretora, comecei a pensar em todo o tempo que Tony e eu tínhamos passado juntos nos últimos dois anos. Nós nos víamos todos os dias depois das aulas e acabamos conhecendo bem a família um do outro: minha mãe, que não sabia pensar sozinha, seu namorado imbecil, e os pais de Tony, que quase nunca estavam por perto.

Passávamos a maior parte do tempo andando pela cidade ou na biblioteca, onde Tony tentava estudar enquanto eu inventava barulhos novos para distraí-lo. De vez em quando íamos ao cinema, mas quase nunca tínhamos dinheiro. Tony não admitia entrar sem pagar ou ficar

na sala para assistir a mais de um filme com um único ingresso. Ele era um estraga prazeres, mas não me deixava arranjar encrencas, e por isso eu não reclamava.

Tem gente que diz que é impossível um menino e uma menina serem amigos, mas eu discordo. Tony e eu somos bons amigos e nada mais. Eu não gosto dele no sentido romântico. Prefiro o tipo cafajeste, e Tony não podia ser mais diferente. Quer dizer, qual menina não prefere os cafas? Na verdade, a maioria dos caras que eu conhecia da escola eram idiotas com cérebro de amendoim, e eu não suportava passar muito tempo com eles. Ainda não tinham aprendido como tratar uma menina, e eu não tinha paciência para adestrá-los. Um bom exemplo era Brad Powers, que também estava sentado na salinha de espera, só que provavelmente para puxar o saco do diretor, e não para levar uma bronca. Mal olhei para ele. Sua reputação entre as meninas era péssima: gostava de usá-las e jogar na sarjeta, e depois ainda contava os detalhes para todo mundo.

Nesse quesito, pelo menos, Tony dá de dez: ele é um perfeito cavalheiro. Sempre segura a porta aberta para as meninas, puxa cadeiras, oferece bebidas, coisas assim. Acho que nunca ouvi um arrotado seu! Nem a minha companhia foi capaz de fazê-lo esquecer as boas maneiras. Não sei como isso aconteceu, achava que meus poderes de persuasão eram mais fortes.

Tony curte algumas meninas, mas nem sob tortura se arrisca a convidá-las para sair. Prefere amar à distância. Eu me ofereci para ajudá-lo algumas vezes, mas ele quase desmaiou só de pensar que eu poderia me meter na sua vida amorosa.

Uma vez, tentei convencer uma menina da qual eu sabia que ele gostava a lhe dar uma chance, mas foi um desastre desde o começo. Assim que mencionei o nome dele, ela fez cara de nojo.

— Qual Tony? O Tony Green? Você está me sacaneando?

Parecia que ela tinha cheirado um peido.

— Tudo bem, esquece!

Percebi que tinha pisado na bola, então caí fora. Mais tarde, encontrei Tony e confessei tudo, mas deixei de fora os detalhes mais constrangedores.

— Você fez o *quê*? — O rosto dele virou um balão roxo, e até o branco dos olhos ficou vermelho.

— Calma, Tony. Eu não disse que você gosta dela nem que quer cheirar suas calcinhas, nada desse tipo.

— Como assim, calcinhas? O que você falou para ela? Ai, não!

Ele não parecia nada bem. Baixou a cabeça e apoiou a testa na porta do armário do corredor, provavelmente para não cair no chão.

— Meu, qual é o problema? Fica frio, ela é só uma menina, pelo amor de Deus. — Comecei a massagear suas costas para ver se ele voltava a respirar.

A reação me pareceu exagerada, especialmente vinda do Tony. Então me ocorreu que talvez eu estivesse vendo um trauma psicológico se criar em tempo real. Senti uma certa culpa por ter causado a situação, mas disse a mim mesma que eu só estava tentando ajudar o coitado.

Ele estava respirando fundo, tentando se acalmar outra vez. Empurrou meu braço e apurou as costas, passando as mãos no cabelo até ele se arrepiar e ficar em pé. Nada de novo para Tony, que vivia despenteado.

— Será que eu quero ouvir o que ela disse? — ele perguntou, com um tiquinho de esperança na voz que até dava pena de escutar.

Dei um suspiro.

— Acho melhor não. Ela se acha muito melhor do que nós, simples mortais. Acho que vou voltar lá agora mesmo e dar um soco naquela cara metida.

Agora ele estava ficando pálido, o rosto franzido numa careta de aflição.

— Foi tão ruim assim?

Eu não queria fazê-lo chorar. Fiquei muito séria e menti:

— Não, na verdade ela só disse o seu nome. Tipo, repetiu duas vezes. Não falou mais nada. Eu caí fora, comecei a pensar no ataque que você iria ter se descobrisse o que eu fiz e me apavorei.

Tony sabia que minha expressão séria era uma piada.

— Você, com medo? Impossível. — Ele fechou o armário com delicadeza (Tony jamais bate portas com estrondo). — Vamos, a gente vai acabar se atrasando para a aula. — Ele parecia exausto, mas talvez fosse apenas tristeza.

Eu me senti um cocô. Agora queria mesmo socar a cara daquela menina, e nem sou uma pessoa violenta. Eu falo grosso, mas é só para impressionar os otários. Mas eu tinha que fazer alguma coisa para tirá-lo daquele estado.

— Oba, agora tem aula de biologia! Você vai ter que me segurar, senão vou pular de alegria! — Agarrei seu cotovelo e comecei a saltitar, arrastando-o por alguns metros até ele conseguir se desvencilhar de mim.

— Você que sabe! — gritei enquanto seguia pulando corredor afora, esbarrando em vários alunos pelo caminho.

— Andar desse jeito num corredor lotado é coisa de psicopata, Jayne! — ele disse, ficando para trás.

— Então é perfeito para mim! — retruquei.

Pobre iludido, achando que podia usar o bom senso contra o meu lado maníaco. Ele devia saber que isso nunca iria funcionar.

Nesse instante, a vice-diretora abriu a porta, interrompendo minhas recordações. Ela sorriu para Brad, que lhe devolveu um olhar sedutor. Então ela virou a cabeça e me viu, e seu sorriso virou um muxoxo. Ótimo.

Tentei imitar o olhar de Brad só por sacanagem, mas duvido que ela fosse capaz de entender meu senso de humor.

— Jayne Sparks, que surpresa. Passe para a minha sala e sente-se.

Mais um dia nesta bosta de escola. Enquanto ela tagarelava sobre responsabilidade e respeito, uma única pergunta me passava pela cabeça: quando vou conseguir escapar desse lugar?



Encontrei Tony na frente da escola depois da sétima aula para voltarmos para casa juntos. Ele morava duas ruas adiante da minha, menos de dois minutos a pé.

— Como foi a sua conversinha com a vice-diretora? — ele perguntou.

— Foi ótima, obrigada por perguntar — respondi animada, acelerando o passo.

Tony mal conseguia me acompanhar, carregando os cem quilos de livros de sempre e usando seus sapatos horrorosos de Frankenstein.

— Chega de brincadeira, Jayne. Você levou uma suspensão ou não?

— Não. Só um sermão que me deu vontade de cravar a caneta no olho. Acho que eu preferia uma suspensão, ou, como eu prefiro dizer, miniférias.

— Você teve sorte. Bem, eu tenho novidades. Novidades importantes.

Estaquei no mesmo instante, já que Tony nunca tinha anunciado novidades antes. “Deve ser importante mesmo”, pensei. Minha parada inesperada fez com que ele trombasse em mim.

Com o esbarrão, a mochila dele voou do ombro e bateu no meu braço, me empurrando e me fazendo cair sentada na grama sob uma árvore. Uma chuva de folhas caiu dos galhos e aterrissou ao meu redor. Eu nem tinha tocado na árvore! Que terror pensar que as ondas de choque da minha bunda batendo no chão tinham feito a árvore ficar pelada daquele jeito.

— Ai! — reclamei ao cair. — O que há de errado com você, Tony?

— Putz, desculpe! — Ele largou a mochila e correu para me ajudar a levantar. — Você se machucou?

Nós dois congelamos no lugar ao ouvirmos a voz:

— Epa! Olha só os dois pombinhos embaixo da árvore. O que estão fazendo aí, babacas? Um piquenique?

Brad Powers outra vez. Ele não passava o tempo todo conquistando o coração de vice-diretoras e professoras. Também gostava de dar longas caminhadas ao luar, ler poesia e fazer os alunos que não parecem Barbies se sentirem uns merdas.

Eu me levantei, sacudindo as folhas e a terra dos braços.

— Sim, florzinha! Estamos fazendo um piquenique! Por que não vem se juntar a nós? Tenho algo especial para você comer.

Tony começou a suar. Vi as gotículas se formando na sua testa. Ele implorou:

— Não faça isso, Jayne. Cale a boca ou ele vai nos encher de porrada.

— Porrada? Duvido muito. Tenho certeza de que posso acabar com ele.

— O que você disse, sua vadia? — Brad estava atravessando a rua, evidentemente interessado em fazer parte do nosso piquenique.

Tony começou a se descontrolar.

— Jayne, ele está vindo para cima de nós!

— Cale a boca, Baloney, eu estou vendo. Deixe que eu cuido disso.

De repente, Tony ficou em pé, decidido.

— De jeito nenhum, Jayne. Ele vai lhe dar uma surra. Fique atrás de mim.

Por um milésimo de segundo, fiquei em estado de choque. O meu garotinho estava virando homem bem diante dos meus olhos. Mas não havia tempo para admirá-lo. Primeiro, eu tinha que salvar a minha própria vida e a do meu melhor amigo.

Antes que o cagalhão chegasse mais perto, dei um passo para a frente. Eu estava no meio-fio, o que, por sorte, me acrescentava dez centímetros de altura. Assim eu ficava quase do tamanho dele.

Brad começou:

— Tem alguma coisa para me dizer, seu aborto da natureza? — Ele parou a cinco centímetros de mim e me encarou como os meninos que brigam no recreio. Por sorte, eu também tenho um olhar matador ensaiado para situações como essa e cravei-o nele com todas as minhas forças mentais.

— Tenho sim, florzinha. Vá se foder! Escutou ou quer que eu repita?

De repente eu estava no chão outra vez, embaixo da árvore e sentindo a dor se espalhar pelo meu corpo todo. “Ele me deu um soco nos peitos? Droga, amanhã minha bunda vai me matar!” Mais folhas caíram ao meu redor. Estava começando a parecer outono naquele canteiro junto à calçada.

Antes que eu pudesse pensar em algo ainda mais ridículo para dizer, ouvi Brad pedir:

— Ei, calma aí, carinha, fica frio.

Com a cabeça ainda caída para o lado, pensei: “Será que detecto medo na voz do meu pior inimigo, que dois segundos atrás estava prestes a desmontar o meu melhor amigo?”.

Sim. Era isso mesmo. Ergui a cabeça e vi meu querido Panetone apontando o que, sem sombra de dúvida, era uma pistola nove milímetros de verdade para a cara de Brad Powers. Na calçada, em público, a menos de vinte metros do portão da escola.